

AUGUSTO SOBRAL

TEATRO

Prefácio de SEBASTIANA FADDA

BIBLIOTECA DE AUTORES
PORTUGUESES



821,134.3
SOB,A

AUGUSTO SOBRAL TEATRO

Prefácio de SEBASTIANA FADDA

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

D. SEBASTIÃO

(versão original escrita em 1957)

A felicidade que me oferece o quadro que se apresenta a
partir da natureza da natureza que se lhe oferece a este, já não se
deixa de ser, seja porque a natureza se de um lado, seja por
maneira de que a natureza se de um lado, seja por
de lado com a natureza, seja porque a natureza se de um lado, seja por
a natureza se de um lado, seja porque a natureza se de um lado, seja por

Então, para o que se trata de a natureza que se de um lado, seja por
de um lado, seja porque a natureza se de um lado, seja por
de um lado, seja porque a natureza se de um lado, seja por
de um lado, seja porque a natureza se de um lado, seja por

Então, para o que se trata de a natureza que se de um lado, seja por

D. SEBASTIÃO

PERSONAGENS:

PADRE NOVIÇO
MARTIM VAZ
MARUJO
RAPARIGA
ESTALAJADEIRA
INQUISIDOR-MOR
D. SEBASTIÃO

HOMENS
MARUJO VELHO
RAPAZ
MOÇO
SOLDADOS
FÍSICO
CAVALEIROS

CENÁRIO ÚNICO

A cena está dividida em três sectores.

À E., uma taberna com uma pequena porta, na E. baixa, junto ao proscénio e ampla comunicação com o centro da cena, desenvolvendo-se este ao fundo, a um cais sobre o rio, povoado de mastros através dos quais a vista se estende até aos montes da outra margem.

À D., e num plano mais elevado, uma sala do Paço com janela que se debruça sobre o cais, e no fundo, à D., uma porta decorada de ligação ao interior.

No plano mais avançado da sala e no extremo D., degraus de acesso a um pequeno trecho de jardim com um lago.

No decorrer da acção, conforme ela se passe no Paço ou na taberna, a luz deve incidir aí com mais intensidade, ficando o resto da cena numa penumbra.

Apenas nos finais de acto que envolvam o espaço da rua e do cais, o nível de luz da cena deverá ter, no geral, uma intensidade mais uniforme.

I ACTO

I CENA (no Paço)

PADRE NOVIÇO — Não me pareceis tranquilo...

MARTIM VAZ — Não?...

PADRE NOVIÇO — Na vossa idade todas estas coisas deviam passar como coisas sem importância. Já não estais em jogo.

MARTIM VAZ — Infelizmente. Mas também não vivo ainda bastante estranho às coisas, para que as não sinta, para que as não tema...

PADRE NOVIÇO — O vosso temor provém de vos ligardes de mais a esses fantasmas de felicidade que vos perseguem.

MARTIM VAZ — Temor de velho, não é? De velho que cuida sempre que a vida se desvirtuou por se afastar das suas contas. Chego a pensar que sim. Quero pensar que assim é, muitas vezes...

PADRE NOVIÇO — Não quereria ir tão longe.

MARTIM VAZ — É inútil a cortesia... Vejo as coisas demasiadamente a nu, para poder aceitá-la. Eis a minha velhice.

PADRE NOVIÇO — A melhor de todas as velhices, senhor!

MARTIM VAZ — Levou-me a acreditar mais na vontade dos homens que nos desígnios da providência divina.

PADRE NOVIÇO — Senhor... A Providência Divina comanda-nos... A nossa obediência é a fé. A Graça Divina derrama-se sobre nós em aceitação.

MARTIM VAZ — Mas nunca será mau dar-lhe uma ajuda.

PADRE NOVIÇO — Receio perceber as vossas palavras.

MARTIM VAZ — O temor dos novos... Melhor o temor dos que não têm idade, o temor da transparência das palavras. Seja. Eu não disse nada, não vos assusteis. Construí uma figura de retórica para amparar o fio do vosso discurso. Sois brilhante. Sabeis que sois brilhante? Ainda outro dia, em São Domingos, ouvindo as vossas palavras...

PADRE NOVIÇO — Ouvistes?

MARTIM VAZ — Como não ouvir aquela verdade animada...

PADRE NOVIÇO — Verdade. Também sentistes a verdade nas minhas palavras?... É a fé, rescendia?

MARTIM VAZ — A fé e verdade rescendem sempre. Quem pode mascará-las ao olhos de quem tem a sede delas?

PADRE NOVIÇO — O rei, vistes o rei?

MARTIM VAZ — Não o perdi de vista um só instante.

PADRE NOVIÇO — O rei não duvida.

MARTIM VAZ — Não. O rei não duvida.

PADRE NOVIÇO — Ninguém deve duvidar.

MARTIM VAZ — Ninguém. Nem quem viu nascer...

PADRE NOVIÇO — O rei?...

MARTIM VAZ — O rei, o pregador, todos e tudo. Quem viu começar.

PADRE NOVIÇO — Sois escravo da vossa memória.

MARTIM VAZ — Se ela me não falha em nenhum pormenor.

PADRE NOVIÇO — Não fui claro... A vossa memória leva-vos a um tempo de vida cujo fim não sois capaz de compreender. Perdão! Não tomeis isto como...

MARTIM VAZ — Não. Não me ofendo. Outra coisa que aprendi é que nunca me devia ofender.

PADRE NOVIÇO — Eu...

MARTIM VAZ — Ninguém pensa em ofender ninguém. A fé, ... o propósito, impõem um movimento, e quem ficar de alma presa numa outra vontade deve ter a largueza de coração, a coragem, de amar mais os desígnios de Deus do que os próprios. Mas vede, a coisa nunca acerta.

PADRE NOVIÇO — Blasfemai... Vós podeis blasfemar...

MARTIM VAZ — Porquê a excepção?